

ANDRÉ DE SÁ PATO

NOVO

Autor: Damer Tufaile (Damura)

Março de 2021

Advertência

Este texto encontra-se devidamente registrado pela AVTORIS órgão responsável pelo registro de direitos autorais de obras artísticas. É vedada a utilização comercial ou a reprodução parcial ou total deste material, por quaisquer meios, sejam eles eletrônicos ou não, sem o prévio consentimento por escrito do autor.

O presente texto é obra de ficção. Qualquer semelhança, por ventura existente, entre personagens e pessoas da vida real terá sido mera coincidência.

Sumário

- ✓ Divagações pandêmicas 1
- ✓ De ida para o futuro 2
- ✓ Um salto no tempo 3
- ✓ Contato com o ancião venerável 6
- ✓ Lembranças do Rio antigo 13
- ✓ André de Sá, a lenda 14
- ✓ Origens do conto 17
- ✓ Um giro pelo mundo das artes 19
- ✓ André se Sá pato novo, prelúdio 21
- ✓ André de Sá pato novo, o conto 22
- ✓ André de sapato novo, a letra 28
- ✓ De volta para o passado 29
- ✓ Epílogo 32

Divagações pandêmicas

A pandemia do novo Corona Vírus pegou muita gente de calça curta.

Até o momento, enquanto prossigo escrevendo este texto, 25 de agosto de 2020 já foram dizimados mais de 115.000 patricios e ninguém sabe bem, como nem quando, terminará tudo isto. O cotidiano mudou, pelo menos temporariamente, de forma radical o nosso *modus vivendi*.

Vivemos numa guerra ou era da informação e desinformação. Notícias falsas em meio as verdadeiras. Pessoas negando a esfericidade da Terra, gente acreditando que a Terra é oca, ou ainda a pandemia que grassa pelo planeta, apesar de evidências mil ao contrário, não existe e é invenção, sabe-se lá de quem, para desestabilizar a humanidade. Outro dia vi um vídeo de uma cidadã, que se declarava dentista, afirmando que todo noticiário sobre a COVID 19 era invenção da Mídia. Pode? Nessas alturas deve haver neguinho acreditando que o Mar Morto não morreu ou que *Galileu Galilei* falou bobagem ao afirmar que a Terra “*Pur si muove*”.

Pessoas desrespeitando as recomendações de isolamento social, distanciamento em aglomerações, uso de máscaras e álcool-gel entre outras. Umas por questão de sobrevivência, outras por injunções das circunstâncias o que até certo ponto é atitude compreensível. Mas o que dizer daquelas pessoas atualmente cunhadas de *negacionistas* que em plena pandemia insistem em frequentar festas, churrascos e quejando, pondo em risco a própria vida e a de terceiros?

Onde fica o bom senso nesta estória? Será que a ânsia de escapar do confinamento, nem que seja por breve lapso, é tão imperativa a ponto de se desprezar a prudência e correr risco de vida? Ou será que vale a pena arriscar a vida com base na crença de que nada de ruim irá acontecer? Em última instância, supõem-se que há sempre o argumento ou esperança, caso se pegue a COVID 19, de ser internado e se salvar.

Pois é, se todos pensarem assim não haverá rede hospitalar que suporte tamanha quantidade de incautos. O *negacionista* parece confiar que a maioria das pessoas não terá comportamento similar ao seu e que vale a pena arriscar porque não se sabe o que será do dia de amanhã e qualquer um pode ir para o bebeléu sem aviso prévio e, se assim for, pelo menos desfrutou-se da boa vida enquanto foi possível.

Quanto a mim, deveria aproveitar as férias de julho, como já fiz três vezes, para passar uns dias no Rio e visitar a família dos meus tios. Fomos surpreendidos pela pandemia

do Novo Corona Vírus no fim de março e seguimos à risca as recomendações emanadas das autoridades, umas competentes e outras nem tanto. Minha família reside em São Paulo e pertence à classe média. A primeira providência foi estabelecer contatos com uma série de fornecedores. Era necessário garantir o suprimento de nossas necessidades. Apanhámos um pouco no começo até que a jornada entrasse em voo de cruzeiro. A comida vinha de fora na forma de marmita e com ajuda de Luzia, nossa agregada de longa data, dividimos as tarefas de casa segundo a predileção e disposição de cada um. Saíamos só para o estritamente necessário. Numa boa parte do tempo meus pais ficavam envolvidos com *home office* enquanto que eu e minha irmã estudávamos. Como ninguém é de ferro também dedicávamos uma parte do tempo às redes sociais, caminhadas dentro de casa enquanto ouvíamos MPB que adoramos, à ginástica e, de vez em quando, acessando as redes sociais, onde além de notícias verdadeiras também pipocavam as falsas ou contraditórias.

Ouvi dizer que muita gente *entrou em parafuso* por conta do confinamento. Eu não cheguei a tanto. É natural que se fique apreensivo nesta situação e eventualmente entrar em depressão. Cheguei a ter noites de alguma insônia por conta da situação em que vivia. Angústia, ansiedade e um misto de esperança com desesperança era a tônica do dia a dia. Apesar de todos os cuidados havia o permanente receio de ser contaminado pela COVID 19. Quando conseguia dormir, frequentemente, tinha pesadelos e acordava suando em bicas. Coisas como sonhar que era vigiado ou perseguido por algo parecido a um disco voador em forma de Corona Vírus ou fugindo de uma legião de zumbis em meu encalço.

Das experiências que tive houve uma mais marcante porque ao acordar, fiquei embasbacado não só com a coerência e quantidade de detalhes como também pelo seu conteúdo singularíssimo que de imediato, ao acordar, procurei digitar e gravar em meu *notebook*. Explico melhor: enquanto dormia tive um sonho que evoluiu para uma projeção do meu corpo astral. Neste estado a experiência é controlada e transcorre com coerência e lógica diferentemente dos sonhos onde as imagens não sofrem interferência da vontade e são sem conexão e aleatórias. Acredito que o sonho e projeção, em parte, decorreram do hábito de imaginar, antes de pegar no sono, as atividades que fazia quando da próxima estada no Rio.

De ida para o futuro

Esta experiência marcante aconteceu numa tarde, após o almoço, devido ao cansaço oriundo de exercícios físicos feitos pela manhã. Minha mãe e irmã tinham saído para fazer compras. Me sentindo sonolento, decidi tirar uma soneca. Fui para o quarto, cerrei a porta, deixei o relógio e o celular sobre o criado mudo e me deitei.

No sonho, quando dei por mim, saía da casa dos meus tios e caminhava pela rua Hemengarda em direção à Dias da Cruz no Meier, Rio de Janeiro.

Saí para espreitar. Gosto quando caminho, de apreciar o movimento de veículos e pedestres. Ao sair, como sempre, levava pouco dinheiro, o documento de identidade, um papel com anotação de endereço mais um relógio marca traque e o celular postos num bolso traseiro da bermuda. Como diz meu tio, o bairro é relativamente tranquilo, mas por via das dúvidas há que se precaver. Lembre-se: “*seguro morreu de velho*”.

A estátua do *Leão Guardiã do Meier*, doada pelo *Lions Club*, permanecia impávida e imponente na confluência das duas ruas. Lembrei da historieta de um turista que, talvez tenha associado o *Mayer* da MGM (*Metro Goldwin Mayer*) com o Meier, e perguntou a um nativo que admirava a estátua, não se sabe se por gozação ou ignorância, se aquele leão tinha algum parentesco com o leão *da Metro*. O nativo respondeu na lata com dois trocadilhos infames:

Sim senhor! Tem o mesmo tipo de parentesco que existe entre a “*morta roxa*” e a “*Marta Rocha*” ou se preferir “*Tamanco holandês*” e “*o manco tailandês*”.

Um salto no tempo

Tarde desabando... a iluminação pública começando a dar sinais de vida. Entrei na Dias da Cruz sentido Hospital Dom Pedro II, com a noite baixando seu negro manto. Era hora de congestionamento e também de muita gente indo e vindo pelas calçadas. Ruído incessante de carros e motocicletas que poluíam o ambiente, acrescido das imprecações de motoristas impacientes amaldiçoando o longo engarrafamento.

Ao atravessar um cruzamento levei tremendo susto que resultou num breve desmaio ou *sapituca* conforme se diz em linguagem popular. É que, inadvertidamente, avancei pela travessia de pedestres com o sinal, ainda no vermelho. Um motociclista em alta velocidade atingiu-me de raspão e fugiu sem prestar socorro. Fui amparado por populares, mas logo me recuperei do susto e prossegui caminhando.

À medida que avançava uma calma foi tomando conta de mim. Estranhamente, de forma gradual e paulatina, a paisagem foi se transformando. Invadiu-me a sensação de não estar andando numa rua do Meier apesar de transitar por um local conhecido. Muitos carros sem motoristas e com passageiros no banco traseiro, ou no do carona, deslizavam silenciosamente pelo asfalto. Imponentes motocicletas rodavam sem ruído e escapamento. O silêncio, tão marcante, permitia ouvir o toque-toque dos calçados dos transeuntes que caminhavam por perto. No ar o tremeluzir das luzes do que parecia ser incontáveis drones, deslocando-se em variados níveis e direções. A atmosfera permanecia límpida com a presença no ar de um aroma sutil de lavanda. Continuei a caminhar sentindo um misto de euforia e temor, achando que aquele

estado iria perdurar para sempre alternando para o temor de que poderia findar a qualquer momento.

De repente o logradouro ficou feericamente iluminado com centenas de luminosos a neon, vários deles anunciando cassinos. Fui tomado pela sensação de estar em Las Vegas.

Num deles, chamado Cassino da Burca, nome provavelmente inspirado no antigo e célebre cassino da Urca, presenciei a entrada de duas mulheres somente com os olhos à mostra e totalmente vestidas de negro. Nessa hora até me lembrei do linguajar mineiro e me perguntei:

Nosinhora oncotô? Oncovimpará?

Supus que o cassino era especializado em atrair e atender mulheres viciadas em jogatina e que, escamoteavam suas identidades por não desejarem expor publicamente suas fraquezas.

A cada passo era surpreendido por uma novidade:

Cruzei com duas criaturas parecidas, uma mais velha vestida com recato e a outra, na flor da idade que pelo estilo das roupas aparentava ser garota de programa. Reconheci na mais velha uma atriz famosa dos anos 2010. Pareciam mãe, e filha clonada.

Na sequência dei de cara com um trio *sui generis*, semelhante a humanos, fantasiados de Pierrô, Arlequim e Colombina em cujas camisetas estava estampado "GRES Mocidade Robótica do Meier". Imaginei que se dirigiam para algum ensaio na sede da escola de samba.

Em plena era da informação, notícias é que não faltavam em totens multimídias ou displays colocados ao longo das calçadas e fachadas dos edifícios.

Curioso, através de um totem, confirmei que estava no bairro do Meier na rua Dias da Cruz. O dia era 17/02/2041 e a hora 19:02. A terça feira de Carnaval seria em 05 de março e pasmem, o Congresso tinha modificado finalmente em 2025 a cláusula que impedia a abertura de cassinos no Brasil.

Por ali ainda obtive respostas para perguntas que me atazanavam as meninges:

Há muito que a COVID 19 fora controlada graças a dezenas de vacinas criadas.

Também foram desenvolvidas tecnologias para identificar e bloquear rapidamente as chamadas *fake News*.

O tráfico de drogas que havia recrudescido nos anos 2010 praticamente perdeu forças. Cães farejadores foram aposentados graças ao desenvolvimento de aparelhos portáteis de grande precisão capazes de detectar a mais ínfima porção de droga. Isto atrelado a um eficiente controle de fronteiras e do tráfego aéreo além das prisões de grandes traficantes.

Outra notícia alvissareira anunciava que faltava somente 23 dias para completar o milésimo sem acidentes ou atropelamentos naquela rua. *Dei tratos à bola* tentando imaginar as causas deste milagre: Leis mais rigorosas em conjunto com carros modernos e inteligentes que possivelmente tinham postos de escanteio motoristas malucos, drogados ou bêbados além de incautos que viviam no mundo da Lua. Perpassou-me um arrepio pela espinha só de pensar que poderia estragar a comemoração do milésimo dia sem acidentes.

A novidade mais interessante, porém, foi que em fins da década de 2020 cientistas brasileiros haviam descoberto, pesquisando o DNA de políticos comprovadamente corruptos, o sequenciamento que determina com grande precisão se uma dada pessoa tem tendência a ser corrupta. Um abaixo assinado eletrônico, contendo mais de cinco milhões de assinaturas pedindo para transformar em obrigatoriedade o teste anticorrupção para candidatos políticos e postulantes a cargos públicos, elaborado no início da década de 2030, e que está até os dias de hoje (17/02/2041) em tramitação no Congresso.

A demora na aprovação, segundo os autores da notícia, se deve às infundáveis discussões da comissão encarregada de examinar o assunto.

Entre os congressistas há muitos que defendem a aplicação do teste de forma irrestrita a toda população.

Já os negacionistas afirmam, sem qualquer prova, que o teste é invenção de falsos cientistas empenhados em denegrir a imagem dos parlamentares.

Os moderados percebem a questão como ética, isto é, tem a ver particularmente com a educação moral e tradições culturais de cada povo e citam uma das leis de Hermes Trismegisto, autor da *“Tábua de Esmeralda”* conhecida como lei da correspondência: *“O que está em cima é como o que está embaixo. O que está dentro é como o que está fora”*. Defendem, com base nesta lei, que se boa parte dos políticos é corrupta é porque também boa parte aqueles que os elegeram seria corrupta, se é que já não o são à sua maneira, se tivessem a oportunidade de se corromper.

Alegam ainda que a corrupção tem a ver com a evolução, ao longo dos séculos, da sociedade brasileira formada por diferentes povos e etnias cada qual com seus costumes e idiossincrasias.

Citam o Japão, país de costumes milenares e baixíssima miscigenação, onde a corrupção não é endêmica e quem *é pego com a boca na botija* é execrado e desprezado pela população a ponto de, muitas vezes, se sentirem tão mal e desistirem de viver.

A julgar por este exemplo, muita água, mas muita água mesmo, ainda vai passar por debaixo da ponte até atingirmos o estágio atual em que se encontra a sociedade japonesa.

Para completar, os mais cínicos argumentam que a corrupção existe desde que o homem é homem e por isso não são a favor de perder o milenar costume de corromper e ser corrompido.

Resumo da ópera: a decisão sobre a obrigatoriedade ou não do teste vai ficar para as calendas ou o dia de São Nunca.

Finalmente o *embroglio* do aquecimento global chegou a uma solução graças, em grande parte, à criação de fontes renováveis de energia tais como a eólica e a oriunda de painéis de células fotovoltaicas associadas a baterias compactas e portáteis à base de *borofeno* de alto desempenho em termos de armazenamento e transmissão de energia.

O uso limitado de combustíveis fósseis ainda é permitido em pequena escala no agronegócio enquanto que a devastação e os incêndios criminosos persistem no Pantanal Mato-grossense e na Amazônia Legal ainda que em escala bem menor.

Parei em frente a um estabelecimento com um luminoso a gás neon que mostrava um casal dançando ao alto e ao longo da fachada e que se alternava com o texto: "*Café do André e do narguilé*".

O narguilé é muito usado pelos árabes para fumar. É uma engenhoca onde o fumo é introduzido e queimado num forninho e cuja fumaça passa borbulhando por um recipiente de vidro translúcido com água, antes de ser tragado pelo fumante, através de uma mangueira e boquilha.

Contato com o ancião venerável

Como estava com m pouco de sede criei coragem e resolvi entrar. Antes de sentar decidi ir ao banheiro. Àquela hora, ainda relativamente cedo, havia meia dúzia de gatos pingados tomando café e fumando. No ar, ligeiramente enfumaçado, o cheiro característico de tabaco queimado. Reparei que ao longo de uma parede cega havia

uma série de quadros, pinturas enormes e vistosas, retratando um jovem casal em várias poses de dança. Ao fundo um idoso solitário de longas barbas brancas e aparência venerável, por alguma razão que não atinara, aparentava estar desejoso de entabular conversa comigo.

Ao voltar do banheiro parei para admirar um quadro próximo à mesa do ancião. Depois de algum tempo ele me perguntou:

- Então, o que achou da pintura?

- Maravilhosa! Impressionante a leveza com que os dançarinos foram retratados.

Nossa conversa foi interrompida por uma solícita *robonete* com vozinha sintetizada, aparentando ser humana. Veio recolher e transmitir a comanda. Pedi água, dois salgados e dispensei o uso do narguilé.

O ancião convidou-me a sentar a sua mesa.

Aguarde um instante, disse, que vou dar um pulinho no banheiro e volto já, já.

Em seguida meu celular deu sinal de vida. Ao dizer alô a interlocutora se identificou como sendo Serena conhecida *robofonista* de *telemarketing* que em seguida cortou a ligação.

Pensei com meus botões: é preciso muita serenidade para tolerar, em pleno 2041, as Serenas da vida atazanando, com *telemarketing*, o cotidiano das pessoas.

Deixei o celular em cima da mesa para a eventualidade de atender alguma nova ligação.

O venerável ancião retornou em seguida retomando o diálogo interrompido:

-Esses quadros têm mais de cem anos. Foram feitos no final da década de 1930 e retratam um par de dançarinos fora de série e admirado nos bailes da época. Chamavam-se André de Sá e Marka Passos.

Ensaiei dar uma discreta risadinha ao que ele interrompeu perguntando:

- Rindo do que cara pálida? Não é o que você deve estar pensando. Marka é nome de origem africana e se escreve com K não com C. Como você pode ver pela pintura, foi uma mulata daquelas de tirar o fôlego tipo corista do *Sargentelli* dos tempos do ziriguidum.

A coleção, 12 quadros no total, que ganhou o epíteto de "*via dançante*," passou pela mão de vários colecionadores até que finalmente foi comprada pelos proprietários do café, uma empresa dos Emirados Árabes, para decorar o ambiente.

Com a era dos combustíveis fósseis perdendo forças, explicou, a partir de 2025 empresas sauditas e dos Emirados Árabes diversificaram e investiram maciçamente em outros negócios. O Meier foi aquinhoado com muitos investimentos.

Já com a pulga atrás da orelha indaguei porque o Meier fora escolhido para abrigar tamanho empreendimento.

- As autoridades perceberam a necessidade urgente de promover o desenvolvimento de um polo turístico afastado das praias que incrementasse a economia do subúrbio carioca e da Baixada Fluminense. O Méier foi e continua sendo o orgulho do subúrbio e dos suburbanos. Foi na década de 1950 que o bairro começou a progredir de vez. Em 1954, construíram o *Imperator*, que na época era o maior cinema da América Latina, com um total de 2.400 lugares. Logo depois, inauguraram o Shopping do Méier que teve a primazia de ser o primeiro construído no Brasil. Estes fatos pesaram na hora de escolhê-lo para esta implantação. Nesta última década pequena parte do bairro foi desapropriada e a área resultante transformada num imenso canteiro de obras com direito a centenas de estabelecimentos voltados para o comércio, lazer, gastronomia, eventos esportivos e shows.

O empreendimento ganhou ainda estação de Metrô devido à implantação do prolongamento da linha vermelha desde a estação Uruguai até Madureira. Até mesmo um parque temático árabe e uma deslumbrante mesquita fazem parte do empreendimento.

O ancião discorreu ainda sobre o nome do bairro que frequentemente se escreve, ora com y ora com i, o que gera dúvida quanto à real origem dessas grafias.

O Meier está relacionado com Augusto Duque Estrada **Meyer**, filho do comendador Miguel João **Meyer** um português de origem alemã. Augusto recebeu de presente, do imperador Dom Pedro Segundo as terras onde hoje se situa o bairro que leva seu sobrenome.

Explicou que a letra “Y” em alemão praticamente não é usada. Como no Brasil, seu uso se restringe às palavras comuns a várias línguas e aparece em geral no começo da palavra como, por exemplo, **yoga** e é sempre pronunciada como “i”. A leitura de Meier em alemão tem o som de Maia. A família Maia é antiquíssima e teve grande influência no início de formação do estado português que foi antecedido por invasões bárbaras. Entre os bárbaros havia os visigodos, povo de origem germânica que marcou presença em Portugal de

onde, talvez, um dos seus membros, tenha dado origem à família Maia. Em vista disto, muita gente questiona: Meier (pronuncia -se Maia em alemão) ou Meyer? Isto é Meier ou Maia? Parece que a questão está relacionada com status. Afinal, é mais chique dizer, por exemplo, que se se mora no bairro do Meier do que no bairro do Maia.

Concluindo, gosto muito do Meier. É um bairro especialíssimo. Trabalhei durante longos anos como comerciante no centro do Rio. Há dez anos aposentei-me e decidi vir morar com a esposa perto de nossa filha casada e dos netos que moram aqui.

Comentei sobre a sensação que tivera ao vê-lo sentado no fundo do café.

- Eu já o esperava, respondeu. Você foi reconhecido pela camiseta.

Olhei para o meu vestuário e constatei que usava jeans e uma camiseta estampada com um desenho do Corona Vírus escrito logo abaixo: "2020 O ANO PRATICAMENTE PERDIDO" que por antecipação já se admitia, isto ainda em junho de 2020, que o ano estaria perdido o que em grande parte provavelmente se confirmaria já que, como costuma-se dizer, no Brasil volta-se a trabalhar somente depois do Carnaval, que aconteceu quase no fim de fevereiro, e o confinamento devido à COVID 19 começou em menos de um mês depois.

Tratava-se de uma camiseta que ganhei de aniversário dos meus pais produzida, em edição limitada, por uma ONG prestadora de serviços a comunidades carentes.

O ancião explicou-me que a camiseta, bem vistosa, passou a ter valor sentimental muito forte e tornou-se um ícone entre colecionadores. Pediu-me que não estranhasse caso alguém se oferecesse para comprá-la.

A *robonete* apareceu com meu pedido.

Antes que pedisse qualquer esclarecimento o ancião antecipou-se:

- Você não estava no falso estado de vigília onde, em geral, julgamos que temos consciência plena dos processos que se manifestam interna e externamente a nós e sim dormindo em sua cama quando começou a sonhar que estava passeando no Meier.

Um tanto quanto desnordeado questionei:

- Porque estou aqui vivendo estas experiências?

- Lembre-se que você passou vários anos lendo não só sobre religiões, como também obras esotéricas, além de dedicar horas e horas aos exercícios de meditação durante os quais almejava experimentar coisas tais como estados alterados de consciência, vivências extracorpóreas ou atingir o Nirvana, sem ter maiores sucessos a não ser de forma aleatória ou esporádica e por breves instantes. Você está aqui e agora vivenciando naturalmente, sem o uso de drogas e através da projeção do seu corpo astral uma rara experiência extracorpórea.

Você entrou neste estado quando, em sonho, sentiu a proximidade da morte ao ser atingido de raspão pela motocicleta. O susto foi tão grande que após recuperar-se de breve desmaio não se deu conta de que viera parar no mesmo local em que estava só que a mais de vinte anos à frente.

- Mas como isto é possível?

_ Apesar de ancião com aparência venerável e de me considerar um sábio modestamente experiente infelizmente não tenho respostas para todas suas dúvidas. Por exemplo, não lhe parece soar estranho o fato de estar lhe esperando e você intuir que eu desejava contatá-lo? Este é um tipo de fenômeno que poderia ser considerado como paranormal? Atualmente há muita gente acreditando que o “*andar de cima*” manobra subliminarmente para que determinados acontecimentos, não por acaso, se realizem. Acredite-se que o cenário que você vivencia no momento, a depender dos acontecimentos passados, pode ser alterado. O que você vivencia no momento é um cenário possível, razoavelmente otimista e até certo ponto futurista.

Vale observar que os cultores da Futurologia imaginam e muitas vezes conseguem fazer previsões que se confirmam e outras que não, sendo que, o mais das vezes, são surpreendidos por situações ou fatos inesperados.

Como contraste a esta crença, atualmente anda em voga, com ares de modernidade, a antiga Teoria do Eterno Retorno que remonta aos tempos da antiguidade indiana.

Nela o Universo é concebido de forma tridimensional e a Terra como um microcosmo. O Tempo, por sua vez, corresponde a uma quarta dimensão, não linear, mas sim pontualmente percebida, onde os acontecimentos vão se sucedendo.

É como se você estivesse participando de um filme no qual se desempenha, dependendo das circunstâncias, variados papéis: ator principal, ator

coadjuvante, figurante, espectador e principalmente observador, na maioria das vezes de forma inconsciente dos fenômenos internos e externos que se desenrolam ao longo do filme. A constatação da existência deste mundo ilusório, denominado de Maya pelos indianos, existe a milênios.

O corpo de uma pessoa, a rigor, muda de instante a instante é ao mesmo tempo receptor e transmissor de impressões. A ele estaria atrelado um cordão magnético, conhecido como cordão de prata, que tem a função de permitir que o corpo astral da pessoa possa eventualmente projetar-se para fora e retornar junto ao corpo físico com segurança.

Na Teoria do Eterno Retorno a principal questão está relacionada com a relatividade das coisas. Sabe-se que, a rigor, não somos os mesmos a cada instante que passa. Teoricamente falando alguém ou algo não existe isoladamente como se fosse separado do seu entorno. Tudo está interligado e se interpenetra. Praticamente falando um ente qualquer em contato com o meio ambiente pode ser considerado como existindo individualmente, mas é impraticável, por exemplo, definir seus limites em relação ao meio que o circunda.

Do ponto de vista do macrocosmo, ou Absoluto, o tempo não existe e como consequência não há como distinguir os fenômenos que ocorrem relativamente num determinado intervalo de tempo.

Daí concluir-se que tudo que existiu, existe e existirá inclusive os tempos relativos percebidos em microcosmos, de modo incompreensível para nós, estão contidos no Absoluto.

Isto significa que em termos do Absoluto continuamos a existir tanto no passado como presente e no futuro, sendo que esta existência relativa é delimitada pelo nascimento e morte. Assim, ao morrer o corpo, a *anima* retorna para renascer na mesma data em que nasceu e fica eternamente neste ciclo para imensa maioria dos seres. Só escaparia para outro ciclo os seres que tivessem tido um certo grau de evolução em relação ciclo anterior.

- Neste caso como foi possível eu deixar o ano de 2020 e vir parar em 2041?

- Lembre-se: você está vivendo esta experiência através da projeção do seu corpo astral que pode viajar por dimensões mais sutis. Seu corpo físico está lá em 2020 deitado em sua cama enquanto que seu corpo astral com aparência do seu corpo físico inclusive vestuário, adereços e objetos estão aqui presentes.

Entenda que este tipo de vivência é raro e é baseada numa espécie de meritocracia que leva em conta o esforço e o progresso que a pessoa fez ao longo da vida no quesito evolução espiritual. Aliás, arrematou, atenção ao sair deste estado. Procure colocar rapidamente no papel um relato das vivências por aqui presenciadas enquanto elas estão frescas na memória, caso contrário esmaecerão rapidamente e esquecerá a maior parte delas.

Observei, que quando caminhava, ter visto o que parecia ser drones cruzando os ares em várias direções.

- Ora, isto já havia em pequena escala em fins da década de 2010. Atualmente existem aos milhares e são bastante úteis não só para fazer entregas de encomendas de pequeno porte, mas também, quando equipados com câmeras, colaboram no monitoramento do trânsito juntamente com câmeras estrategicamente colocadas na malha viária.

- Não estariam também funcionando como uma espécie de olhos de um Big Brother invisível?

- Não, há leis aprovadas pelo Congresso que impede este tipo de atividade. É fato que uma parte deles pertence à polícia e estão circulando para fazer vigilância seja de comportamentos suspeitos, sejam movimentações atípicas de multidões ou eventos catastróficos como enchentes, deslizamentos de terra, acidentes de trânsito e também é muito útil na busca de pessoas perdidas ou desaparecidas em matas ou regiões de difícil acesso.

Na verdade, esta espécie de vigilância, se aprovada, seria mais interessante contar com a aplicação de novas tecnologias. Com os avanços da Nanotecnologia e da Neurociência já hoje é comum a instalação de nano chips e nano sensores em humanos que substituem instrumentos de uso pessoal no cotidiano como termômetros, barômetros, relógios, etc. os quais tendem a desaparecer. Informações corriqueiras, do tipo hora, dia do mês ou da semana, horóscopo e previsão do tempo podem, da mesma forma, serem obtidas pela simples conexão entre nano chips, nano sensores e o pensamento.

Ao colocar suas ideias não me passou despercebido que o ancião apresentava, de tempos em tempos, uma espécie de cacoete ou tique nervoso. Este comportamento consistia em interromper por instantes a alocação, enquanto semicerrava os olhos e sacudia ligeiramente a cabeça, dando a impressão de ser um sensitivo fonografando uma mensagem espírita.

Em seguida a conversa descambou novamente para o par de dançarinos quando perguntei:

- Que fim levou a dançarina?

-Marka Passos era vedete de teatro de revista. A companhia de danças para a qual trabalhava fez uma temporada de apresentações em São Paulo, onde ela se casou e por lá ficou.

Quanto a André de Sá a história é diferente e cheia de mistérios.

Lembranças do Rio antigo

Não canso de repetir que a imaginação e a criatividade do carioca não têm limites. Também pudera. O Rio foi, durante muito tempo, a capital do Império e da República além de centro de decisões políticas e de boa parte das manifestações culturais e artísticas da Pátria amada. É natural que tenha atraído e continue atraindo intelectuais, pessoas ligadas às artes e à cultura. Imagino que seja a cidade brasileira com maior número de artistas por quilômetro quadrado. Não bastasse essa covardia, de quebra, a mãe Natureza, nos brindou com mulheres e paisagens de cair o queixo. É isso!

Continuando...houve uma fase do Rio antigo entre o início da década de 1930 e meados da década de 1950 em que, quando o tempo permitia, grupos de pessoas se reuniam aos domingos em praças públicas ou parques para ouvir contadores que tinham o dom de narrar casos pitorescos acontecidos ou criados por imaginação fertilíssima.

Esses grupos eram formados por uma miscelânea de gente do povo, literatos e jornalistas que além de contar histórias, declamavam poesias do próprio punho e os mais criativos participavam da criação dos roteiros de novos contos.

Muitos deles foram precursores dos atuais guias turísticos, pois, tendo boa memória, dom da fala e bom conhecimento da cidade podiam informalmente prestar este tipo de serviço.

Para além dos tradicionais contos como do bilhete premiado ou do vigário haviam muitos outros.

Alguns de botar no chinelo contos similares aos do *Decameron de Boccacio*, como o "Conto da viúva fresca chifruda".

Houve um período que chegaram a discutir a criação de uma sociedade que representasse a classe.

Um grupo defendia que fosse batizada de Associação dos Narradores Cariocas de Apólogos – ANCA e outro de Confraria Carioca de Contadores de Causos – CCCC. O segundo grupo argumentava que a ANCA além de ser uma sigla que denotava não só um cunho pejorativo, mas também certo pedantismo embutido na criação do próprio nome.

Já o primeiro grupo entendia que a CCCC tinha viés caipira o que não condizia com o cosmopolitismo do Rio.

Por fim, propuseram um nome híbrido: Comunidade Carioca dos Contadores de Contos que também foi rejeitada porque alguns entenderam que contadores de contos tinha conotação pleonástica.

Por não haver acordo acabaram desistindo da ideia.

Estas reuniões, atualmente extintas, perduraram até o início da década de 1950 época em que entraram em declínio com a chegada da era da televisão.

Infelizmente, a maioria desses contos desapareceram, restando uns poucos que foram transmitidos oralmente.

André de Sá, a lenda

O sobrenome "Sá" é de origem portuguesa. Sua presença no Brasil remonta à época do início da colonização tendo como figuras mais conhecidas Mem de Sá governador geral das capitanias hereditárias e seu sobrinho Estácio.

Este último, com uma mãozinha dos padres Anchieta e Manoel da Nóbrega mais índios vindos da capitania de São Vicente (nesta época a região em que se encontra o Rio pertencia à capitania de São Vicente comandada por Martin Afonso de Souza), teve papel fundamental na expulsão dos franceses que

havam invadido a região da baía de Guanabara quando ainda nem existia a cidade do Rio de Janeiro, mais tarde fundada por este mesmo Estácio de Sá.

O sobrenome é relativamente comum no Brasil e uma das nossas principais estrelas da MPB, e dona de um vozeirão, é a carioca e também compositora Sandra de Sá que originalmente tinha o nome artístico de Sandra Sá.

Dizem que mudou de nome por razões ligadas à Numerologia pois, dependendo do número de letras do nome, isto pode ou não ajudar a alavancar a carreira.

- Mas ela ainda é viva? Quis saber.

- Você está querendo saber demais. Há perguntas que obviamente não convém responder e certamente não estou autorizado a tanto. Pense um pouco e tire suas conclusões, se possível.

Agora mudando de pato para ganso, falávamos de André de Sá personagem lendário e repito muito misterioso.

Houve numerosos relatos a seu respeito relacionados em geral com ações militares ou policiais. Sempre foram transmitidos oralmente e sem qualquer registro oficial que atestassem serem verídicos.

Não raro aparece um André de Sá, que nunca é a mesma pessoa, oriundo da baixada fluminense ou se dizendo ser carioca da gema.

Após certo período de convivência num bairro qualquer do Rio, sem que nem porquê, some de circulação. Esse sumiço acontece sempre de forma precipitada. Ninguém atinava com o motivo.

Às vezes, as pessoas endividadas somem dando calote. Neste caso ocorria o contrário, pois, tinha muita gente reclamando que devia para o desaparecido.

Caso procurassem saber seu paradeiro ninguém dava notícia a não ser por frases ambíguas do tipo: tomou “chá de sumiço”, evaporou”, “escafedeu” ou “casou, mudou, nem notícia deixou” naturalmente sem maiores significados a não ser a confirmação de que o indigitado dera às de vila Diogo.

Acredita-se que a origem de André de Sá remonta aos tempos em que Estácio de Sá pontificava no Rio.

Com efeito, parece que ao longo dos séculos, vários personagens com o nome André de Sá marcaram presença em eventos onde protagonizavam algum tipo de ação.

Um destes relatos, que aparentemente beira as raias do absurdo, afirma que no século dezoito um certo capitão André de Sá, ao fazer na Nova Inglaterra (leia-se EUA atual) especialização em ciências de guerra acabou se envolvendo e lutando denodadamente nos combates pela independência, inclusive ensinando aos nativos novas táticas de guerrilha que muito contribuiu para a conquista da independência dos EUA.

Foi reconhecido como grande herói. Não fosse só isto, o relato ainda afirma que seu comportamento exemplar, mais tarde, serviu como fonte de inspiração para a criação de inúmeros personagens de histórias em quadrinhos, os *comics*, tais como Capitão América, Capitão Marvel e outros tantos heróis.

Antes de ganhar fama de exímio dançarino o André, retratado nesses quadros, frequentou muitos bailes de gafieira e foi bastante querido principalmente por cabrochas que adoravam dançar.

Damas mais afoitas às vezes chegavam até a fazer fila para tê-lo numa contradança.

Foi por esta época, após o sumiço de André de Sá que surgiu, num debate de contadores um relato que alguns chamaram de “*André de Sá pato novo*” e outros de “*Conto dos sapatos apertados*” no qual André de Sá era o personagem principal.

- Mas “*André de Sapato novo*” não é o nome de um famoso chorinho?

- Vamos com calma, é isto mesmo. Este choro parece que foi composto na década de 1930. Seu compositor foi André Victor Correa que oficialmente é reconhecido como autor da composição e faleceu em 1948. Reza a lenda que ele foi a um baile com um par de sapatos novo que apertara um calo de pé provocando dores lancinantes tais, que o sofrimento o inspirou a compor este choro.

Agora, por favor, deixa-me prosseguir sem interrupções.

Origens do conto

- Voltando então à vaca fria. O debate entre os contadores para a criação do relato, acabou gerando, algumas dúvidas e discussões.

Não canso de repetir: a verve e a irreverência do carioca não têm limites.

Veja você, partiram da premissa que o André, presente no título do chorinho, era o próprio autor, hipótese bastante plausível, pois que ele mesmo admitira ter usado sapatos novos num baile.

Começaram por questionar a quantidade de sapatos. Era sabido que o compositor não era perneta, então, a rigor o título deveria ser “*André de sapatos novos*”. Alguém argumentou que o autor não queria passar por pedante e por isto usou de licença poética e que, além disso, no dia a dia das conversas informais ou coloquiais é comum se referir ao par de sapatos no singular. A partir daí surgiu ainda a seguinte dúvida: o André que aparecia no título da música seria outra pessoa e não o André que compôs o chorinho?

Cogitaram em verificar se, na partitura que provavelmente fora registrada na seção de direitos autorais da Biblioteca Nacional, existiria no título alguma pista que dirimisse a dúvida.

Mas não deu tempo. Eis que senão quando um dos debatedores, o advogado conhecido como doutor Tetra jota, foi acometido de uma tempestade cerebral culminada com gritos de: Eureka! Eureka!

Passados o susto e a surpresa dos participantes, já com os ânimos serenados, o da tempestade manifestou-se:

- Vocês não perceberam que o título desse choro tem duplo sentido?

Observem que se separarmos na palavra “sapato” a sílaba “sa” de “pato”, oralmente falando, o título também pode ser entendido como “André de Sá pato novo”, isto é, uma pessoa de nome “*André*”, com o sobrenome “*de Sá*” e a palavra pato, além de designar uma espécie de ave, em sentido figurado, também significa lerdo, parvo, bobo, ingênuo, ou seja, uma pessoa fácil de enganar ou mesmo de cair numa pegadinha e o adjetivo “novo” significando que André seria uma pessoa jovem. Ou em outras palavras “André de Sá jovem trouxa”.

Os demais debatedores exultaram com a descoberta, afinal de contas deram-se conta que o conto a ser criado, por ser fictício, até certo ponto poderia falsear a verdade dos fatos, isto é, seria uma mistura de ficção com realidade.

Ademais, estava difícil estabelecer um bom roteiro, baseando-se somente num André compositor ou André anônimo calçando um par de sapatos novo.

Após a genial descoberta oriunda da tempestade cerebral a coisa mudou de figura, pois, passou-se a ter um personagem conhecido que apesar, de ser jovem, excelente dançarino e possuir sapatos novos, era um tanto quanto ingênuo. A partir daí deram tratos à bola e voaram nas asas da imaginação.

Entretanto, inspirados pela descoberta do Tetra Jota, dois debatedores mais imaginativos começaram a associar adjetivos que substituíssem o adjetivo “novo” no título do chorinho. Descobriram que havia vários que sugeriam novos bons roteiros. Isolaram “*André de Sá pato*” e adicionaram a este, adjetivos como: velho, alto, largo, folgado, rosa etc. Por exemplo, “*André de Sá pato largo*” serviria de título para o conto de um André de Sá trouxa, porém, sortudo daqueles que ganham dinheiro fácil com loterias, rifas, apostas e jogos de azar, mas que por ser otário, acaba perdendo o que ganha para pessoas malandras e espertas. Ah e que também gostava de usar sapatos largos.

Tetra Jota percebendo o rumo dispersivo que o debate tomava agiu como um moderno moderador:

- Pessoal não vamos nos dispersar. O foco é fazer um roteiro para o conto “André de Sá pato novo”.

E assim fizeram.

- Afinal, perguntei, concluíram o conto?

-Vamos devagar caraíba, no momento azado falaremos disto.

Um giro pelo mundo das artes

- O venerável está a par do que aconteceu com nossa MPB nessas duas últimas décadas?

- Novos compositores se destacaram. Nada comparável, é verdade, à geração da década de 1940 que nos deu compositores e cantores notáveis como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Roberto Carlos, Paulinho da Viola, Aldir Blanc excepcional letrista entre tantos outros.

Destaque especial para o " *hors concours*" Chico Buarque com abundância de composições em qualidade e quantidade, um craque excepcional, espécie de rei Pelé da nossa MPB. Nossa civilização levou mais de quatro séculos para produzir este fenômeno que, sabe Deus, quando voltará a repetir-se.

Em função da crise de 2020, milhões de desempregados ficaram no ora veja. Além disso, a concorrência acirrada de filhotes da robótica, da automação industrial e predial impediu que muitos desempregados voltassem aos seus antigos postos de trabalho.

O setor musical passou por maus momentos. Em particular no ano de 2020, devido à pandemia do Novo Corona Vírus, que impediu os artistas de se apresentarem em público. Este fato somado ao atraso na liberação do auxílio emergencial, em grande medida deixaram boa parte dos artistas na maior pindaíba.

Em virtude desta e de outras falsetas promovidas pelas autoridades governamentais da época, o pessoal das artes, em particular o da Música, botou as barbas de molho.

Prevenido, com um pé atrás, já que com dois pés a atitude sabidamente deixaria de ser defensiva, mobilizou-se.

Inspirado na formação de bancadas de políticos tipo agronegócio, evangélicos, etc. investiu-se em candidatos que fossem artistas ou comprometidos com a defesa de minorias em geral e em particular dos interesses da classe artística.

Isto foi feito através do financiamento de razoável parte das campanhas eleitorais destes candidatos.

Graças a essas medidas a classe já conta atualmente com uma expressiva representatividade no Congresso.

A MPB e em particular a Música Sertaneja tiveram papel preponderante no movimento devido, a artistas que foram revelados e incentivados não só, em concursos patrocinados por redes de televisão, mas também pelo crescimento vertiginoso de cantores solo, do número de duplas, trios e bandas sertanejas. Artistas, que de forma incansável, passaram a fazer shows cruzando o Brasil de ônibus de norte a sul e de leste a oeste.

Goiânia que já era polo e líder na produção e disseminação da música sertaneja tornou-se, devido a investimentos maciços na indústria de entretenimento, a meca do movimento incentivando o turismo com a criação de espaços imensos para shows, parques temáticos, recinto para rodeios, museus, teatros, restaurantes e hotéis.

O resultado foi a criação de centenas de milhares de empregos diretos e indiretos o que muito contribuiu para diminuir o desemprego.

A Literatura também foi incentivada com a criação de inúmeros prêmios como o “Cágado” e a “Tartaruga”, com valores em pecúnia, de fazer inveja ao “Jabuti”.

Já a Pintura, em 2022 entre outros eventos importantes, parafraseou a semana de arte moderna de 1922 criando um concurso chamado “Semana de Artes” para crianças artísticas que retratassem aspectos relacionadas com o cotidiano brasileiro desse tipo de artes.

Ganhou o prêmio uma artista de talento precoce com cinco anos chamada Tarcisia de Tarento, verdadeiro gênio da Pintura, que retratou, no estilo *foto de família para a posteridade*, uma plêiade de políticos de uma mesma família com quatro gerações posando numa escadaria, onde em primeiro plano aparece o decano trisavô e nos degraus acima sucessivamente bisavôs, avôs, pais e e filhos.

O detalhe hilário é que todos foram retratados em trajes menores com maços de notas de 200 reais jorrando pela braguilha das cuecas.

A propósito, a corrupção diminuiu bastante graças ao dinheiro digital e ao Pix que passou a ser utilizado nas transações interbancárias o que permitiu maior

controle na movimentação de numerário e inibiu, em boa medida, práticas fraudulentas.

Em compensação, como exemplo do mau uso da tecnologia, houve aumento expressivo na quantidade de sequestros relâmpagos para obrigar correntistas a transferir, com mais facilidade, numerário para contas bancárias de laranjas, passíveis de rápida manipulação.

André de Sá pato novo, prelúdio

Afinal, perguntei com certo ar insolente, se realmente existia o tal “conto do sapato apertado” ou “André de Sá pato novo”.

- Mais uma pergunta neste tom, respondeu, e eu lhe ponho para fora desta projeção.

Pensei com os meus botões que o idoso venerável tinha tido um repente parecido com os de juízes de direito que, muitas vezes, com razão, ameaçam botar para fora da audiência depoentes que fazem algum tipo de gracejo. Cutucar onça com vara curta? Melhor não!

- *Data vênia* venerável! Não tinha intenção de fazer qualquer exigência. Acho que estou um pouco ansioso.

Em seguida, achou e retomou, com bonomia, *o frio da geada*, melhor dizendo, *o fio da meada*:

- Vários deles sobreviveram. O conto que você está curioso por saber não existe mais nem na forma oral e nem na escrita apesar de ter sobrevivido oralmente por alguns anos.

Felizmente o doutor José Jorge Januário Júnior, de saudosa memória, mais conhecido como *Treta Jota*, aquele da tempestade cerebral, era advogado formado com pendores para letras.

Muito metódico, anotava de forma manuscrita num diário, o que de importante e interessante produzia ou acontecia durante o dia. Como o conto era uma criação coletiva, ficou em dúvida se devia anotar um texto referente ao assunto.

Depois de vacilar por algum tempo tomou a decisão de transcrever na íntegra a narrativa do conto. Em seguida foi mais longe e baseando-se no texto fez uma letra para o chorinho “*André de sapato novo*”, espécie de síntese do conto “*André de Sá pato novo*” o qual também foi transcrito para seu diário.

Tetra Jota que era espírita e freguês de uma loja especializada na venda de calçados localizada nas imediações da Cinelândia. O proprietário respondia pelo nome de Salim Abdo Mutran que por sua vez, tinha um sobrinho ajudante, vindo do Líbano, chamado Kalim.

Foi nesta loja que Tetra Jota percebeu, pelos tiques e cacoetes, que Kalim era médium e precisava desenvolver a mediunidade.

Ficaram amigos e foi desta forma que Kalim, frequentando a casa de Tetra Jota, tomou conhecimento de que seu tio Salim tinha inspirado a criação de um dos personagens do conto.

Salim é um nome comum entre libaneses e não havia necessidade de ser alterado no conto, mas para evitar constrangimentos, o sobrenome do Salim foi mudado para Rachid Salim, Kalim o sobrinho, virou Halim e o nome da loja alterado de “*A Primorosa*” para “*A Insinuante*”.

Esses acontecimentos ocorreram já em meados da década de 1960, época em que Kalim colaborou com Tetra Jota dando algumas dicas sobre costumes árabes que foram usados na narrativa. Obteve também uma cópia do conto e da letra que o sintetizava e levou-as para mostrar ao tio. Após este introito o venerável ancião começou a narrativa do conto:

André de Sá pato novo, o conto

André de Sá acordou bem cedo com o canto do galinho garnisé de um vizinho.

Encarou café com leite e pão com manteiga numa padaria próxima e partiu de ônibus rumo à Cinelândia onde pretendia comprar um par de sapatos novo para estreá-lo à noite num baile.

Bateu perna por um bom tempo, pois teve dificuldade de achar um par para o tamanho de seus pés.

Procurou daqui, procurou dali angustiado e já pesando em desistir da empreitada, quando, resolveu como última tentativa, entrar na “*A Insinuante*” conhecida loja de calçados situada na **SAARA**.

SAARA é a sigla correspondente à Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega. Por extensão designa uma grande área comercial situada aqui no centro do Rio de Janeiro, semelhante à zona comercial existente em São Paulo nas imediações da rua 25 de Março.

Salim o proprietário, um comerciante escolado de ascendência libanesa, diferentemente de boa parte dos patrícios que imigraram para o Brasil, era homem culto formado em ciências contábeis e, além do árabe e francês, falava português fluente sem o sotaque característico dos libaneses que trocam o P pelo B e às vezes o gênero dos substantivos.

Sentado próximo à entrada do estabelecimento, Salim fumava num *narguilé* e percebeu de imediato, pelo tamanho dos pés de André, que o atendimento não era para principiante. É que a *chalupa*, ou melhor dizendo, a chulapa do freguês aparentava ser de quarenta e três para cima.

Salim ordenou a Halim, um sobrinho recém-chegado do Líbano, que passasse um café.

É que para cativar os fregueses, ele tinha o hábito de servir café árabe.

Fez uma espécie de **Salam** deu boas vindas declinando o próprio nome, Salim Rachid Salim.

- Muito prazer André de Sá!

Diante do estranhamento de André, Salim explicou que no Líbano existe o costume de nomear os filhos colocando um nome em seguida o nome do pai e por último o nome da família do pai. Às vezes pode acontecer de darem ao filho o mesmo nome da família. Foi o meu caso! Meu nome é Salim, meu pai chamava-se Rachid e minha família Salim. Logo, meu nome e sobrenome resultaram em Salim Rachid Salim. É o mesmo caso de Gibran Kalil Gibran conhecido escritor e pintor libanês da família Gibran que recebeu o nome da família e cujo pai chamava-se Kalil.

André, sem entender muito bem a explicação, desconversou reclamando da má sorte.

Disse ter andado *de Ceca e Meca* sem encontrar um par de borzeguins, calçado preferido desde os tempos em que servira o exército. Explicou que precisava de um calçado porque à noite iria dançar.

Salim foi até o depósito garimpar e depois de muita procura voltou com meia dúzia de pares para testar. Já no quinto teste, depois de muito esforço e suando em bicas, conseguiu com auxílio de calçadeira emplacar um par de mocassins tamanho 42.

André estrilou, pois além de apertados gostaria de comprar borzeguins. Salim contornou passando a saliva no pobre do André. Argumentou que o mais apropriado era usar mocassins porque combinava com traje esporte ou social. Eram feitos de couro cozido além de serem confortáveis e macios. Ah, também laceava mais rápido, garantiu.

André cansado e um tanto constrangido, depois de muita relutância, acabou cedendo à lábia do Salim.

Antes de partir André degustou o saboroso cafezinho, decantado sem coar, feito por Halim. Salim, além de vender um calçado flagrantemente apertado ainda de quebra pegou **André de Sá** pato novo, dando uma de bobo, com a casca do ovo.

André, depois de ter almoçado uma lauta feijoada num dos inúmeros botecos do centro, foi para casa curtir a madorna com vistas a estar preparado para o baile.

Segundo dizia, André era oriundo de *Cacique de Ramos*, tinha 25 anos, solteiro, morava numa pensão e naquele sábado estava de folga. Trabalhava como marceneiro na oficina do seu Osório no Bangu. Tinha um dom natural para a dança e não perdia oportunidade de frequentar os bailes da noite carioca. Até o momento, apesar de muito namoro, não se interessara em ter um compromisso mais sério. Primeiro quero gozar um pouco a mocidade, dizia, antes de criar família. Nos bailes era querido e requerido pelo mulhero e muito disputado em virtude de ser exímio dançarino. Também tinha lá seus defeitos: era um pouco tímido e ingênuo. Fisicamente era o que se costuma chamar de “tipão”, moreno alto e de compleição musculosa.

À noite, de terno, gravata e estreando os sapatos novos, com direito a bastante dificuldade ao calçá-lo, tendo se socorrido de uma calçadeira, lá foi ele outra vez de ônibus em direção ao centro dançar num clube, espécie de gafieira, muito concorrido e situado na Lapa.

Ao caminhar do ponto de ônibus à entrada do clube, André sentiu os primeiros sinais das dores que viria a seguir, pois, um calo de estimação, situado no dedo mindinho do pé esquerdo, resolvera dar o ar da graça.

No clube as cadeiras estavam praticamente tomadas por damas e cavalheiros que compartilhavam mesas. Vários grupos de cabrochas desprovidas de cavalheiros também marcavam presença.

André de Sá estava exultante, pois, a noite prometia ser animada.

Em prelúdio, músicos afinando os instrumentos sinalizava que o baile estava prestes a começar.

André aproveitou o momento e foi, gesto comum nos bailes da vida, quebrar o gelo no bar. Achevou-se ao balcão pedindo um *Bauru* e ima dose de vermute.

Não precisava de bebida para criar coragem e tirar dama para dançar. Pelo contrário, o mais das vezes, eram cabrochas sem parceiros que vinham pedir o prazer de uma contradança. Dependendo do movimento formavam até fila de espera.

André atendia a todas com bastante carinho e gentileza. Não recusava contradança e atendia a todas sem discriminar. Houve casos pitorescos como dançar com sapatões e travecos. Até dançarina anã mais despachada e desinibida às vezes pintava no pedaço.

Não raro, devido a impaciência, rolava um barraco e a turma *do deixa para lá*, tinha que apartar as beligerantes.

Aliás, numa ocasião anterior, André foi o pivô de um incidente que teve grande repercussão. Aconteceu já na alta madrugada, envolvendo duas cabrochas que se desentenderam.

É que uma delas, mais espertinha, dera uma de *João-sem-braço* e resolvera *furar a fila*. Botaram panos quentes na hora, mas as duas continuaram se olhando atravessado com ganas de se pegarem.

Não deu outra: quando uma delas se dirigiu ao banheiro, já quase no encerramento do baile, a outra não perdeu tempo e resolveu ir atrás. Sem mais ninguém por ali, com a porta cerrada e devido ao som estridente da orquestra, custaram a dar fé na refrega.

Não se soube ao certo como acontecera o entrevero, mas o saldo do embate causou perdas e danos.

Uma delas ganhou um baita hematoma num dos olhos e a outra um braço quebrado. O rebosteio foi fatal para as instalações sanitárias, por si só já precárias.

Banheiros de clubes em fim de baile não são lá locais muito aprazíveis de frequentar. O estrago produzido foi semelhante ao da passagem de um furacão: pias, espelhos quebrados e portas dos sanitários arreventadas. Só sobraram as antigas latrinas turcas.

Havia papel higiênico, papel toalha, absorvente íntimo espalhados por toda parte. A que quebrou o braço saiu carregada de maca para a ambulância portando um Modess usado, dependurado na longa cabeleira.

Há males que vêm para bem e o incidente abriu os olhos da diretoria do clube. Ficou resolvido que os banheiros, tanto o masculino como o feminino, sofreriam uma reforma em regra com direito a revestimento de azulejos até o teto, mictórios, vasos sanitários e outras funcionalidades.

Também colocaram catracas para controle dos acessos e funcionários para vigiar e higienizar os recintos. Naturalmente, passaram a cobrar o ingresso dos frequentadores através de quantia módica.

Pior que pedra no sapato, mais fácil de resolver, é ter um calo em franca manifestação. O alívio parcial só viria se André tirasse o sapato que o injuriava, coisa que não faria por força das circunstâncias. Durante toda noite André honrou a fama de *pé de valsa* e não arredou pé. Apesar das dores lancinantes que o calo provocava não recusou qualquer pedido de contradança.

As cabrochas não lhe deram mole e mau tivera tempo de tomar um gole de água mineral ou refrigerante que fosse. Desnecessário dizer o quanto Salim e a respectiva progenitora foram execrados por André naquela noitada infeliz.

Dias depois, ao tomar um cafezinho num boteco da Cinelândia André cruzou com um músico e compositor, seu xará, de sobrenome Victor Correa com o qual tivera algumas aulas de música.

Entre outros assuntos André comentou o martírio que sofrera por causa das dores devidas ao calo naquela malfadada noite. Seu xará ficou tão impressionado e condoído com o drama vivido por André que o fato o inspirou a compor um belíssimo choro para o qual deu o nome de “André de sapato novo” que fez grande sucesso tornando-se um hit entre os aficionados do choro.

Meses depois, André circulando pela SAARA passou em frente à loja do Salim onde resolveu entrar, após um momento de hesitação. Salim, dotado de memória de elefante, de pronto, o reconheceu. André estranhou o reconhecimento, mas Salim explicou que tinha excelente memória, aliás, comparável à de um seu homônimo, antigo político de São Paulo cuja lendária memória era capaz de guardar os nomes de seus correligionários, apoiadores, eleitores, membros da família inclusive agregados e bichos de estimação porventura existentes.

Perguntado se estava à procura de sapatos, André apressou-se a dizer que não e em tom conciliatório contou as peripécias por que passara com o sapato apertado naquela desastrada noite.

Salim, esperto como ele só, já sabia do ocorrido, pois lera uma entrevista de André Victor Correa, publicada num jornal semanal de circulação local na SAARA, onde narrava a origem do choro e de onde viera a inspiração para compô-lo.

André brincou com Salim:

_ O senhor foi desonesto, pois podia ter-me poupado desse incidente!

Ao que Salim retrucou:

_ - Admito ser esperto, mas desonesto não. Veja você, Alá escreve direito por linhas tortas. Se não tivesse comprado os sapatos nada disso teria ocorrido. Não haveria dor de calo e nem inspiração para compor. Graças a mim tudo isto aconteceu e se alguém merece reclamar este alguém sou eu, pois, poderia exigir participação na eventual pecúnia advinda de direitos autorais.

Dali a pouco o sobrinho Halim apareceu para servir, como de hábito, o cafezinho árabe. Ao fim da degustação Salim falou de um velho costume árabe: ler a sorte das pessoas examinando a borra do café que alguém acabou de tomar.

- Pena que Warde, minha esposa bastante sensitiva, não veio hoje para ajudar na loja, pois, poderia ler a sua sorte observando a borra do café.

Neste momento uma freguesa entrou na loja. E assim termina o conto do sapato apertado.

Vendo Salim entretido com a freguesa, André de Sá *aproveitou a deixa e deu no pé à francesa*, temeroso de que Salim o convencesse a comprar mais um par de sapatos apertado.

- E a letra que Tetra Jota compôs?

- Não apresse o rio, ele corre sozinho!

- Apesar da letra estar pronta há décadas, parece que a produção do *andar de cima* procrastinou um bocado para trazê-la a lume.

Observe que o choro foi criado no Brasil em meados do século XIX e sofreu influência de ritmos europeus como polca, mazurca, valsa etc. e com o tempo passou a ter feição

própria e com características de música instrumental, onde os mais aficionados defendiam a pureza e a não colocação de letras em chorinhos.

Quanto colocar letra ou não, o tempo se encarregou de mudar esta visão e muitos chorinhos foram brindados com letras tais como Rosa, Carinhoso, Doce de Coco e muitos outros.

Ainda havia a dúvida quanto a direito autoral da música que também caducou e passou a ser de domínio público.

André de sapato novo, a letra

Em seguida de olhos semicerrados o venerável cantarolou a letra que Treta Jota compôs para o chorinho “**André de sapato novo**”:

André de Sá assim que acordou de manhã bem cedim.

Foi até a Saara comprar um par de mocassins.

É que à noite ele tava a fim de sambar um bocadim.

Já bem cansado de procurar por fim foi parar na loja do Salim.

Mesmo sem ter um quarenta e três para os pés do freguês.

Eis que depois de muito suor Salim emplacou um par menor.

Vendeu calçado apertado e ainda por cima pegou André de Sá pato novo posando de bobo ca casca do ovo.

André, bom de ginga e de samba no pé

Dançou sem chá de cadeira numa gafeira

Difícil é acreditar, mas cabrochas a fim de dançar não lhe deram folga até o sol raiar.

André com um calo de pé num dedo mindim passou a noite com dor maldizendo Salim.

Dor que não foi em vão, pois, deu ao cabo e ao fim a inspiração pra compor este lindo chorim.

Ai que dor, ai que dó, esquindô (repetir três vezes)

Ato contínuo o venerável, preocupado, olhou as horas e manifestou o desejo de encerrar o bate papo.

- O tempo voou! Já são 23:30, preciso ir embora. Minha esposa deve estar preocupada.

- O senhor poderia declinar seu nome?

- Não tenho autorização, mas se for uma pessoa observadora certamente ao lembrar tudo do que falámos saberá decifrar meu nome. Lembre-se de anotar imediatamente o que lembrar. Ao sair daqui não se inquiete. Faça o trajeto de volta e no momento justo você voltará para 2020.

Fiz menção de tirar os caraminguás para pagar a despesa, mas o venerável interferiu:

- Não adianta chamar a *robonete*. Os trocados que você trouxe desvalorizou muito nesses vinte anos e não daria nem para a gorjeta, mesmo porque, hoje em dia praticamente só se usa dinheiro de plástico para pagamentos, como o Pix, por exemplo.

Agradei efusivamente e saí tentando imaginar o que a *robonete* faria com as gorjetas ali amalhadas.

De volta para o passado

Já fora do café deparei-me com uma calçada apinhada, *somebody love*, de gente, alegre, elegante, falante e bonita. Pensei que, se de repente, Hemingway por aqui passasse certamente diria que “*O Meier é uma festa*”.

Ao chegar na próxima esquina aguardei abrir o sinal e cruzei em direção à calçada oposta juntamente com outros pedestres.

Assim que coloquei os pés na calçada oposta ouvi o troar de uma voz de comando dando um STOP.

Algumas pessoas pararam, como se fossem, instantaneamente congeladas, nas posturas mais inusitadas e outras que continuaram a caminhar normalmente.

Um retardatário, na faixa de pedestres, que teimava em ficar imóvel com um dos pés no ar recebeu, em bom português, ordem para abandonar o viário e liberar a pista.

A cena me lembrou os ensinamentos do mestre e demiurgo G. I. Gurdjieff que passava exercícios de “stop” aos seus alunos com o objetivo de torna-los mais conscientes de si.

Independente das circunstâncias o aluno devia aguardar um novo comando para abandonar a posição o que muitas vezes criava situações cômicas ou perigosas.

Será que se tratava de uma prática implantada com o objetivo, para os que desejassem, tornarem-se mais cômicos de si?

Logo depois, ouvi a mesma voz comandar GO AHEAD e quem estava parado voltou a caminhar.

Logo depois, colocado ao lado da entrada de uma loja de informática descobri um curioso *gadget* que interagira com o usuário.

Ao digitar um número astronômico contendo centenas de dígitos em poucos segundos ele decompunha o número digitado em seus fatores primos. Um display ao lado informava que os cálculos elaborados eram feitos através de computação quântica e as principais aplicações, sua utilização em criptografia e em testes de precisão de cálculo de processadores usados em computadores.

-Mais essa agora! Pensei comigo: Computação quântica! Eta planeta velho aberto e sem fronteira.

Passei em frente a uma imensa construção semelhante a um palácio de cristal com fachada, paredes e teto totalmente translúcidos. No interior uma pista de patinação que dispunha a camada de gelo e cuja iluminação era composta de luzes estroboscópicas em cores cambiantes. Acima da fachada um letreiro luminoso informava o nome: *Grafenódromo*.

No interior centenas de pessoas divertiam-se deslizando sobre patins. Um display na calçada informava que a construção, supermoderna, era fruto de pesquisas que possibilitaram a fabricação econômica e em escala industrial do *grafeno*, um material feito à base de polímeros pela associação de moléculas de grafeno cuja estrutura hexagonal é constituída de átomos de carbono. O

material é leve, liso, flexível, de altíssima resistência e possui quando em contato com superfície rugosa atrito desprezível.

Um pouco mais à frente passei por uma loja especializada em novidades onde observei vários modelos de sombreros fotovoltaicos, apropriados para praia, com muitas funcionalidades como tomadas para carregar celulares, acoplar mini ventiladores, lanternas, etc.

Também me chamou a atenção o setor de aroma terapia que na última década progredira enormemente. Pelo *aromário*, espécie de mostruário de aromas, testei odores de várias essências: as tradicionais como lavanda, alecrim, capim limão e as bizarras como cheiro de chiqueiro, galinheiro, curral. Conversando com uma das atendentes perguntei se as essências bizarras tinham muita saída. Respondeu-me que eram as que mais saíam. Explicou que devido ao êxodo das pessoas do campo, lavradores, peões, sitiantes e fazendeiros, muito deles, saudosos da vida que deixaram para trás, consolam-se inalando essências que evocam aspectos da vida campestre.

Fiquei ainda mais surpreso quando me informou que estavam aptos a formular odores ultra inusitados. Citou o caso recente de uma viúva, que entrou em depressão profunda inconformada, não propriamente com a falta do marido, mas do seu cheiro. Por sorte, o marido, antes de morrer, devido a um problema na coluna, usou um colete postural por bom tempo sem que fosse lavado.

O colete ainda impregnado foi a *salvação da lavoura*, pois, através do material coletado e submetido à análise laboratorial, foi possível identificar os odores que compunham o cheiro característico do marido e fabricar a essência que a livrou da depressão.

Pelo avançado da hora, ao sair dali, estuguei os passos em direção à casa dos meus tios. De súbito o ambiente começou a mudar rapidamente: céu encoberto, iluminação pública precária, ruídos exasperantes provenientes de escapamentos de carros e motocicletas.

Começou a cair um chuveiro que em breve virou chuva torrencial. Desesperado e ensopado, corri e ao chegar na esquina da rua da casa de meus tios, levei um tropeção.

Na queda, a palma da mão direita resvalou no piso rugoso da calçada abrindo um ferimento que começou a sangrar abundantemente.

Apavorado, mal e mal tentei, sem sucesso, estancar a hemorragia. Continuei a correr em direção à casa de meus tios quando, aos gritos e chacoalhadas de minha irmã acordei empapado de suor.

Epílogo

Para encurtar o relato contei e que tive um pesadelo enquanto dormia no qual, depois de um tombo, cortei a palma da mão e não conseguira estancar a hemorragia.

Dei graças a Deus por ter saído do sufoco e antes que começasse a esquecer a experiência, apressei-me a digitar no notebook, conforme recomendação do venerável, o presente texto.

No início as lembranças vieram com relativa facilidade: a saída da casa dos meus tios, a noite chegando, a atmosfera carrancuda, o congestionamento, o acidente com a motocicleta, a mudança de ambiente, estranhos transeuntes, a iluminação feérica, assombro com a quantidade de cassinos... as notícias.

A partir da entrada no Café do André, ao começar a conversar com o ancião, as lembranças foram esmaecendo, a não ser por um ou outro detalhe o que me deixou um tanto quanto apreensivo por achar que não conseguiria concluir o relato.

Minha irmã que tinha ido às compras com meu pai, chegou reclamando que tentou falar comigo, mas que não conseguira.

Ao examinar o celular constatei que estava completamente descarregado. Mais tarde, depois de carregada a bateria verifiquei o que acontecera. Havia a chamada de uma *robofonista* que desligara e de repente, após um instante em silêncio, com um arrepio na espinha, comecei a ouvir minha própria voz:

... -Essas pinturas têm mais de cem anos. Foram feitas na década de 1930 e retratam...

Assombrado, deduzi que o celular tinha gravado na íntegra a fala do venerável, a partir do momento que atendi a ligação. A única diferença estava na voz que era a minha. Durante o resto da projeção e provavelmente desde o início descrevi em voz alta a experiência vivida. Cheguei à conclusão que, ao atender a ligação, meio inconsciente, devo ter, inadvertidamente, apertado a tecla de gravação de áudio. Eu que costumo reclamar do *telemarketing* da vida, fiquei devendo essa à *robofonista Serena*.

Diante dessa mãozinha do acaso, se é que ele realmente existe, ficou bem mais fácil compilar o relato. É possível, diante da quantidade de informações, que um ou outro detalhe tenha escapado. Enfim, o que foi possível recuperar aí ficou registrado.

Quanto à identidade do venerável, pelo que pude decifrar, imagino que seja Kalim sobrinho de Salim. Se realmente ainda estiver vivo, só aposentaria daqui a uns dez anos e deve ainda trabalhar como comerciante no centro do Rio.

Mas esta é outra estória que pretendo tirar a limpo, se Deus quiser e permitir, quando acabar esta pandemia e poder ir de novo ao Rio.

FIM